

"Precisamos de mais atenção ao enfrentamento da violência contra a mulher"

VIOLÊNCIA

Levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que desde 2019 há um avanço gradual no número de feminicídios. Somente no primeiro semestre deste ano, foram 699 assassinatos por motivo de gênero

4 mulheres mortas por dia

» ISABEL DOURADO*

No primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, o que dá uma média de quatro mulheres assassinadas diariamente. Os dados são do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgados ontem, e mostram que esse número é 3,2% maior que o total de homicídios por questões de gênero registrado no primeiro semestre de 2021, quando 677 foram mortas — 631 em 2019 e 664 em 2020, o que aponta o crescimento contínuo desses crimes.

A Região Sul apresentou o maior avanço nos feminicídios: crescimento de 12,6% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Entre as unidades da Federação, Rondônia teve o maior aumento no período (225%), seguido por Tocantins (233,3%) e Amapá (200%).

Por região, as maiores altas em feminicídios nos últimos quatro anos aconteceram no Norte (75%), no Centro-Oeste (8,6%) e no Nordeste (1%) — apenas no Sul teve queda de 1,7%.

A pesquisa também coletou dados sobre estupro, que apontaram 29.285 vítimas desse tipo



A assistência social é um dos fatores mais importantes para combater a violência contra a mulher. Teve muitos cortes nas políticas sociais'

Heloísa Buarque, professora do Departamento de Antropologia da USP

de crime nos primeiros seis meses do ano. Desse total, 74,7% foram cometidos contra vulneráveis — vítimas incapazes de consentir com o ato sexual (crianças ou adolescentes, mulheres com deficiência física ou mental ou sem condições físicas de resistir ao ataque). No acumulado de quatro anos, considerando apenas os primeiros semestres, 112 mil mulheres foram estuproadas.

Na avaliação de Gabriela Manssur, advogada especialista em violência contra a

mulher, elas têm denunciado mais, só que falta apoio do sistema judiciário na proteção. "As denúncias não estão sendo efetivas. Continuamos sem estrutura para que as mulheres mantenham aquilo que apontam e não voltem atrás por medo ou por dependência financeira", observa.

Cortes

Apesar do crescimento dos feminicídios, os recursos investidos pelo governo federal para o enfrentamento ao problema vêm sendo reduzidos drasticamente. O Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) realizou um levantamento sobre a verba voltada para políticas específicas de combate à violência contra a mulher no governo do presidente Jair Bolsonaro (PL). E constatou que o Palácio do Planalto propôs, no Orçamento da União, 94% a menos em dinheiro, se comparado com os quatro anos anteriores.

Para Heloísa Buarque, professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), a descondi-

Clarindo Magalhães/Agência Senado



Gabriela (com a senadora Simone Tebet) salienta que as mulheres denunciam mais, mas falta apoio do Judiciário

contra a mulher é um desafio para a diminuição do número de feminicídios.

"Não tem como medir o que aconteceu neste governo, mas houve uma diminuição no

atendimento, nas campanhas, além de fechamento de abrigos e corte de verbas. A assistência social é um dos fatores mais importantes para combater a violência contra a mulher. A gente

teve muitos cortes nas políticas sociais. Então, esse fator pode, sim, estar ligado ao aumento dos crimes contra as mulheres", lamenta. (Leia mais nas páginas 19 e 20)

» Entrevista | REJANE JUNGBLUTH SUXBERGER | JUÍZA DO TJDF

Magistrada e autora de dois livros sobre abusos domésticos falou ao Podcast do Correio sobre a necessidade de se combater agressões contra mulheres. "A gente vive um tempo que falar de gênero é como falar de algo que afronta a família", ressalta

"Nós temos um retrocesso nessa questão de gênero"

» FALAR COM

Quando o assunto é violência doméstica, a magistrada Rejane Jungbluth Suxberger não hesita em falar. Juíza do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJDF), ela é autora de dois livros sobre o tema: "Violência Doméstica: O que é e como lidar" e "Violência Doméstica: O que é e como lidar". Ela também é autora de artigos e participa de eventos sobre o assunto. Rejane fala sobre a importância de se combater a violência doméstica e a necessidade de se combater agressões contra mulheres. Ela ressalta que a gente vive um tempo que falar de gênero é como falar de algo que afronta a família.



Rejane Jungbluth Suxberger é magistrada e autora de dois livros sobre abusos domésticos. Ela fala sobre a importância de se combater a violência doméstica e a necessidade de se combater agressões contra mulheres.



Rejane Jungbluth Suxberger é magistrada e autora de dois livros sobre abusos domésticos. Ela fala sobre a importância de se combater a violência doméstica e a necessidade de se combater agressões contra mulheres.

Violência doméstica é um crime que ocorre dentro de casa e pode ser cometido por qualquer pessoa. Ela pode ser física, psicológica, sexual ou econômica. É importante reconhecer os sinais de violência e buscar ajuda. A legislação brasileira prevê punições para quem comete violência doméstica. É necessário um trabalho multidisciplinar para enfrentar esse problema. A assistência social é um dos fatores mais importantes para combater a violência contra a mulher. A gente teve muitos cortes nas políticas sociais. Então, esse fator pode, sim, estar ligado ao aumento dos crimes contra as mulheres, lamenta. (Leia mais nas páginas 19 e 20)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Brasil + **Página:** 8 + 20